



VIOLENCIA DE GÊNERO: O SILÊNCIO E ENFRENTAMENTO VIVIDO PELAS MULHERES À LUZ DA FENOMENOLOGIA SOCIAL

GENDER VIOLENCE: THE SILENCE AND CONFRONTATION EXPERIENCED BY WOMEN IN THE LIGHT OF SOCIAL PHENOMENOLOGY

LA VIOLENCIA DE GÉNERO: EL SILÊNCIO Y LA CONFRONTACIÓN QUE EXPERIMENTAN LAS MUJERES A LA LUZ DE LA FENOMENOLOGÍA SOCIAL

Luis Paulo Souza e Souza¹, Antônia Gonçalves de Souza², Tamara Figueiredo³, Maria Fernanda Santos Figueiredo Brito⁴, Maisa Tavares de Souza Leite⁵, Kleyde Ventura de Souza⁶

ABSTRACT

Objective: to understand gender violence from the perspective of women inserted in the daily life of an urban community. **Method:** study of qualitative approach, anchored in the Social Phenomenology. The participants were adult women who participated in ten educational workshops on violence against women. **Results:** the analysis disclosed experiences in the community, emphasizing the perception of the other in relation to the social phenomenon of violence. There was interpretation in the empirical categories: gender; its characteristics; forms of local coping; types of violence; and the reasons for the silence of those women. **Conclusion:** when considering the experiences of women and their social relations, understanding how the woman herself, main victim of gender-based violence, thinks, views and develops relations on the subject, allowed a broader understanding of the phenomenon, covering cultural (experiences), historical (knowledge) and social (beliefs, prejudices, feelings of anguish) issues. **Descriptors:** Domestic Violence; Violence Against Women; Gender Relations.

RESUMO

Objetivo: compreender a violência de gênero na perspectiva de mulheres inseridas no cotidiano de uma comunidade urbana. **Método:** estudo de abordagem qualitativa, ancorado na Fenomenologia Social. Os atores sociais foram mulheres adultas que participaram de dez oficinas educativas sobre violência contra a mulher. **Resultados:** a análise desvelou o vivido na comunidade, enfatizando a percepção do outro em relação ao fenômeno social da violência. Interpretaram-se nas categorias empíricas: o gênero; suas características; as formas de enfrentamento locais; os tipos de violência; e os motivos do silêncio destas mulheres. **Conclusão:** ao considerar as vivências das mulheres e suas relações sociais, entendendo como a própria mulher, vítima principal da violência baseada no gênero, pensa, visualiza e desenvolve relações sobre o tema, permitiu uma compreensão mais ampla do fenômeno, abarcando questões culturais (experiências), históricas (conhecimento) e sociais (crenças, preconceitos, sentimentos de angústia). **Descritores:** Violência Doméstica; Violência Contra a Mulher; Relações de Gênero.

RESUMEN

Objetivo: comprender la violencia de género desde la perspectiva de la mujer en la vida cotidiana de una comunidad urbana. **Método:** estudio de enfoque cualitativo, anclado en la Fenomenología Social. Los participantes eran mujeres adultas que participaron en diez talleres educativos sobre la violencia contra las mujeres. **Resultados:** El análisis reveló los fenómenos en la comunidad, haciendo hincapié en la percepción del otro en relación con el fenómeno social de la violencia. Se interpretaron en las categorías empíricas: género; sus características; formas de afrontamiento locales; tipos de violencia; y las razones para el silencio de estas mujeres. **Conclusión:** considerándose las experiencias de las mujeres y sus relaciones sociales, comprendiendo de cómo la propia mujer, principal víctima de la violencia basada en el género, piensa, visualiza y desarrolla las relaciones sobre el tema, permitió una comprensión más amplia del fenómeno, que abarca cuestiones culturales (experiencias), históricas (conocimiento) y sociales (creencias, prejuicios, sentimientos de angústia). **Descriptor:** Violencia Doméstica; Violencia Contra la Mujer; Relaciones de Género.

¹Enfermeiro, Professor Mestre, Departamento de Medicina, Universidade Federal de São João Del Rei/UFESJ, Campus Dom Bosco. Doutorando, Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. Belo Horizonte (MG), Brasil. E-mail: luis.pauloss@hotmail.com; ²Discente do Curso de Psicologia, Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros. Montes Claros, (MG), Brasil. E-mail: antoniagoncalves8@gmail.com; ³Enfermeira, Mestranda, Programa de Pós-Graduação em Saúde do Adulto, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. Belo Horizonte (MG), Brasil. E-mail: tamarafigueiredooi@yahoo.com.br; ⁴Enfermeira, Professora Doutora, Departamento de Medicina, Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES. Montes Claros, (MG), Brasil. E-mail: nanda_sanfig@yahoo.com.br; ⁵Enfermeira, Professora Doutora, Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES. Montes Claros, (MG), Brasil. E-mail: mtsiv@terra.com.br; ⁶Enfermeira, Professora Doutora, Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. Belo Horizonte, (MG), Brasil. E-mail: kleydeventura@gmail.com

INTRODUÇÃO

No plano internacional e nacional, a violência é reconhecida como questão abarcante, sendo considerada mundialmente violação de direitos. É um fenômeno histórico e social, apresentando diferentes conteúdos e formas nas diversas sociedades, de acordo com a variação de valores culturais que influenciam os juízos éticos de cada uma delas. As diferenças culturais dificultam a conceituação da violência, todavia, certos aspectos que a envolve são mantidos, nas diversas coletividades e culturas, permitindo sua caracterização.¹⁻²

A gravidade da violência é incontestável, sendo considerada um evento complexo, apresentando diversas formas e múltiplas consequências. Entre os tipos de violência, encontra-se um tão agravante e que tem sido um mal silencioso: a violência contra a mulher ou de gênero.³ Tal violência se configura como um grave problema de saúde pública, tendo sido, a partir do século XX, sintetizada na categoria sociológica conhecida como “gênero”. Gênero é entendido como um conjunto de características sociais, culturais, políticas, psicológicas, jurídicas e econômicas atribuídas às pessoas, de forma diferenciada, de acordo com o sexo. Nesse sentido, essa categoria abrange tipos de violência decorrentes das relações desiguais entre os sexos.²

Pesquisas demonstram elevada prevalência de violência contra a mulher nos grupos estudados, indicando a necessidade de ampliar a prevenção e os cuidados à saúde integral da mulher e romper com o continuísmo que repercute, de modo significativo, nas esferas política, econômica, social e cultural, com vistas à melhoria da qualidade de vida das mulheres, das famílias e das pessoas com quem se relacionam.³⁻⁵ Os comportamentos violentos em algumas comunidades não podem ser explicados por um fator isolado, entretanto, compreender a maneira como esses determinantes estão vinculados à violência é um dos passos importantes no enfoque da Saúde Pública para que este fenômeno seja prevenido.⁶ Assim, conhecer sobre a violência de gênero, suas formas e repercussão nas coletividades é fundamental, visando conscientizar e mobilizar a sociedade civil, reafirmando o direito à cidadania, mediante o incentivo à denúncia e intolerância aos atos agressivos praticados contra a mulher, seja eles de qualquer natureza.

Este estudo objetivou compreender a violência de gênero na perspectiva de

mulheres inseridas no cotidiano de uma comunidade urbana.

MÉTODO

Estudo com abordagem qualitativa, ancorado na Fenomenologia Sociológica de Alfred Schütz.⁷ O referencial metodológico da Fenomenologia Social de Alfred Schütz visa descrever a estrutura da experiência vivida e a percepção dos indivíduos sobre suas vivências. Seu objetivo é a investigação do mundo das relações sociais, tendo como foco o que se pode construir como característica típica de determinado grupo social ao vivenciar um determinado fenômeno. A análise é feita por meio da observância da vida real, daquilo que se capta da realidade. Tal análise possibilita a compreensão do outro e sua interação social.⁷

As participantes deste estudo foram mulheres adultas que participaram de 10 oficinas educativas sobre violência contra a mulher em uma Estratégia Saúde da Família na cidade de Montes Claros, Minas Gerais - Brasil. As oficinas, que contaram com a participação média de 12 mulheres, ocorriam quinzenalmente e tratavam de temas sobre violência contra a mulher (tipos, causas, formas de enfrentamento); histórias reais ocorridas com mulheres da sociedade; relacionamento em família e educação dos filhos; bases legais da violência de gênero e instituição de uma Cultura de Paz. Como critérios de inclusão, levaram-se em conta participação mínima de sete encontros (70%) e aceitação em responder à entrevista.

A coleta dos dados ocorreu nos meses de fevereiro e março de 2013, por meio de entrevista que contou com a seguinte questão norteadora: “Conta pra mim, como você percebe a violência contra mulher em sua comunidade?”. As entrevistas duraram, em média, 25 minutos, e foram aplicadas nos domicílios das participantes, em horários previamente agendados, possibilitando maior privacidade. Ressalta-se que o número de participantes não foi predeterminado, visto que na pesquisa qualitativa o foco não é obter respostas quantificáveis, mas abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões. Desta forma, findou-se a coleta com seis (06) entrevistas, tendo em vista a reincidência dos dados.⁸

As entrevistas foram gravadas e, em seguida, transcritas. Inicialmente, realizou-se leitura flutuante de cada entrevista, no momento que eram transcritas. Posteriormente, foi realizada leitura detalhada; escolha das unidades de análise; leitura exaustiva; leitura horizontal das

Souza e Souza LP, Souza AG de, Figueiredo T et al.

Violência de gênero: o silêncio e enfrentamento...

informações com reordenação em categorias de análise e subcategorias. Por fim, os resultados foram interpretados e apoiados em concepções metodológicas da Fenomenologia Social de Alfred Schütz,⁷ compreendendo nos relatos a realidade social das mulheres, levando em conta o lugar que elas ocupavam na comunidade; o papel que desempenhavam e suas posições ético-religiosas, intelectuais e políticas e na família; a experiência biográfica, ou seja, o que elas pensavam, sentiam e praticavam; e o conhecimento que adquiriram e desenvolveram por meio das experiências e situações vivenciadas, a partir das quais interpretavam o fenômeno da violência e praticavam suas ações.

Para manter o anonimato das entrevistadas, estas foram identificadas por “Marias” (Maria do Rosário; Maria de Jesus; Maria Solidária; Maria Esperança; Maria Auxiliadora; Maria da Piedade), nome este que expressa feminilidade e tem ligação com o amor e com a família.

O estudo teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Montes Claros, parecer 2008/2010.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As “Marias” entrevistadas tinham idade entre 37 e 53 anos; cinco relataram ser casadas e todas possuíam, no mínimo, um filho. As principais ocupações citadas por elas foram as de doméstica e de técnicas de higiene dental.

A partir das entrevistas, foi possível apreender duas categorias e suas respectivas subcategorias concretas do vivido. Após esta identificação, buscou-se a apreensão dos motivos expressos na vivência de mulheres comuns, à luz do referencial de Alfred Schütz.⁷

Violência de gênero na comunidade: as formas de enfrentamento

Nesta categoria, evidenciaram-se ideias que mostram a **violência intrafamiliar contra a mulher nos diversos segmentos da sociedade como uma questão ligada ao gênero**. As mulheres a seguir expressaram a ocorrência deste agravo, presente no cotidiano da comunidade e das famílias, no lar, destacando o sexo masculino, no caso o homem, como perpetuador:

A gente sabe que os daqui todos eles bebiam, os maridos doidos aqui perto.
(Maria de Jesus)

Acontece discriminação contra a mulher, porque a pessoa que ama não faz isso com a esposa (...) de xingar, porque através desse xingamento é que vem a violência e começa a agredir; o esposo começa agredir a esposa.
(Maria Esperança)

A violência contra a mulher descrita nas narrativas acima, quando retomada ao sexo oposto pela utilização do pronome “ele”, mostra que é impossível dissociar os maus tratos a mulheres do marido/companheiro, tendo-o como principal desencadeador de tantas atrocidades. Corroborando, autores esclarecem que a violência desencadeada pelo marido ou companheiro é considerada a principal forma que a violência assume quando é praticada contra as mulheres. A base da violência praticada contra as mulheres é o uso do poder dos homens sobre elas, e ocorre como um modo de dominá-las e controlá-las, especialmente se forem parceiras em uma relação conjugal.⁹

Outro ponto que merece destaque na percepção das “Marias” foi a não distinção de como a violência inserida no lar e praticada pelo companheiro assume quando se relaciona aos demais seguimentos da sociedade. Sobre isso, “Maria do Rosário” relatou:

Dá a impressão que a gente vai encontrar esse tipo de violência em populações mais carentes e não é nada disso. Por exemplo, na população de um nível financeiro mais elevado, as pessoas escondem. (Maria do Rosário)

Como notado, a narrativa acima mostra a violência relacionada às questões sociais e financeiras, pontuando que a violência não se restringe apenas a populações menos favorecidas economicamente. Já outras “Marias” trouxeram tal fenômeno presente nos diversos grupos, destacando que ocorre em diferentes grupos etários e no grupo de religiosos:

Na igreja é que a gente pensa que não vai ter problemas; que é o pessoal da igreja, é uma família e tem a questão da religião, mas tem sim. Dentro desses grupos eu descobri que tem várias mulheres lá também com esse tipo de problema. (Maria Solidária)

Você vê que são pessoas mais velhas que passaram por isso (...) mas tem lugares aí que tem gente nova apanhando, entendeu?
(Maria de Jesus)

Percebe-se que além de destacar a violência nos grupos religiosos, a “Maria Solidária” destaca o fato da não delimitação de como e onde ocorre tal fenômeno. As narrativas supracitadas trazem pontos importantes que são amplamente discutidos entre pesquisadores da área, denotando a característica multifocal e multifatorial da violência, sem distinção dos alvos que ela atinge. Complementando, autores⁶ explicam que a desigualdade de gênero constitui uma das grandes controvérsias da sociedade que se mantém ao longo da história da civilização e

Souza e Souza LP, Souza AG de, Figueiredo T et al.

Violência de gênero: o silêncio e enfrentamento...

tem colocado as mulheres em um lugar social de subordinação. Tal desigualdade é resultado de uma diferença de poder, que se traduz em relações de dominação e força, e que surge como uma estratégia de manutenção da hierarquia social, com predominância do masculino sobre o feminino. Assim, a violência baseada no gênero tem se constituído em um fenômeno que atinge qualquer faixa etária, nível social ou instrucional, grupos populacionais e religiosos, influenciando sobremaneira o modo de viver, adoecer e morrer das mulheres.

Ressalta-se, ainda, que a violência contra a mulher pode estar presente nos diversos domínios de sua vida, com repercussões em sua saúde e, dependendo da fase em que se encontra, repercute na saúde de seus descendentes.¹⁰

Porque é difícil conviver na escola, porque 90% dos casos de crianças agressivas são de crianças com pais separados ou de gente que vive esse tipo de realidade, que mexe com droga, com bebida, com tudo. (Maria de Jesus)

Nota-se que o contexto familiar desfavorável, incluindo a vivência da violência, traz repercussões para os filhos, denotando que a vivência das mulheres com este tipo de violência é real, expondo o fenômeno como ele realmente ocorre. Segundo autores¹¹, as repercussões na criança que vivencia atos violentos em casa, seja como vítima direta ou presenciando a mãe apanhar, apresentam como trauma, quadros depressivos e de ansiedade e comportamentos agressivos com os colegas. Tal fato é considerado situação de risco para o desenvolvimento de problemas emocionais, escolares e de comportamento dos filhos.

Quando desvelada a violência nos diversos espaços e grupos, ficou notório associar o papel da mídia na exposição ou não destes atos violentos. As entrevistas, quase que de forma unânime, expuseram a **mídia e a repercussão do fenômeno violência**. Neste contexto, as mulheres que representam a comunidade demonstraram de forma enfática o espaço que a violência ganhou nos veículos de comunicação:

Eles (a mídia) divulgam muito. Eu assisto televisão, eu vejo jornal e eu vejo falando sempre. Se acontecer esse tipo de violência na família, fala e divulga. (Maria da Piedade)

Hoje, a mídia, eu nem assisto mais jornal. Porque a gente liga a televisão, é o tempo todo passando isso. E hoje assim, está dando tanto IBOPE, tem vários telejornais o dia inteiro (...) é o dia inteiro isso. (Maria Auxiliadora)

Ainda sobre a mídia, “Maria de Jesus” traz o impacto que a mídia pode trazer na formação como pessoa dos filhos e da necessidade de já conscientizá-los do que seja certo ou errado:

Até os pequenos já estão vendo isso, entendeu? Já estão vendo sexo na televisão, já tão vendo tudo, filho xingando mãe; gente levantando mão para a mãe; gente brigando e apanhando na novela. Eles já têm que ter consciência que aquilo está errado. (Maria de Jesus)

Autoras enfatizam que estudos feitos já na década de 1970 mostraram, ao analisar o comportamento de crianças em comunidades que possuíam televisão comparando-o ao de outras que viviam em comunidades sem esse meio de comunicação, que houve mudanças no comportamento das crianças que conviviam com a presença da televisão. Essas desenvolveram condutas mais agressivas e menos criativas nas brincadeiras em relação às que viviam em comunidades sem a presença da televisão¹². Estas mesmas autoras acrescentam que é importante saber analisar os modos de representação da violência e a reação do público, pois não podem ser analisados da mesma forma para todos, já que envolvem fatores relacionados ao contexto da representação e às características individuais do espectador, tais como: características do perpetrador da violência e da vítima; as causas ou motivos para os atos de violência; uso e presença de armas; duração e intensidade e grau de realismo das cenas violentas; recompensação ou punição da violência nas cenas; danos causados e existência de humor na apresentação das cenas de violência.¹²

Outra consequência apontada em uma das narrativas de “Maria Auxiliadora” foi a falta de sensibilização que os casos de violência recorrentes na mídia geram na sociedade.

Acaba que fica banal, fica comum quando você vê um caso terrível, aí você nem dá tanta importância, e isso é sério porque a sensibilidade sua vai acabando. O amor ao próximo vai acabando. (...) e quanto mais você assiste este tipo de coisa, mais vai alimentando a sua mente de violência. (Maria Auxiliadora)

Ganha destaque na fala acima o amor e a sensibilidade, sentimentos estes que, segundo a entrevistada, tem sido cada vez menos presentes diante do fenômeno em destaque. Autores¹²⁻¹³ informam que outro ponto que decorrente da exposição em longo prazo à violência na tela é a *dessensibilização*, que se caracteriza pela indiferença dos indivíduos quando a violência é dirigida a outros e há atitude de omissão em relação à vítima.

Souza e Souza LP, Souza AG de, Figueiredo T et al.

Violência de gênero: o silêncio e enfrentamento...

Ao analisar, ainda, a violência nos diversos espaços de convívio na sociedade, notou-se que as mulheres enfatizavam o fato **do vizinho que pratica a violência**. Nesta subcategoria, elas reforçaram a violência na experiência do outro, deixando claro que a vivência que elas apresentavam sobre o fenômeno se relacionava com casos ocorridos na comunidade por meio de contato direto ou indireto.

As mulheres chegam diferentes, vem com um semblante mais triste, e a gente tenta puxar alguma coisa, mas, geralmente, ficam retraídas. Já presenciei, mas, na maioria das vezes, fica só assim aquela suspeita. (Maria do Rosário)

Tem pessoas que chegam falando, com queixa de dor, mas até começam a chorar mesmo. Dai, quando a gente percebe, já é outro problema, acabam desabafando também. (Maria Solidária)

A gente fica sabendo assim, às vezes, o esposo chega em casa embriagado, espanca a esposa, começa a espancar os filhos, põe a esposa para fora de casa. Às vezes, as mulheres chegam e falam assim: “Meu esposo me xingou tudo, me chamou disso, daquilo”, sabe? (Maria Esperança)

Outro ponto que merece destaque nesta subcategoria é a afirmação da vivência do outro e a negação constante das mulheres de que “lá em casa não tem esse tipo de coisa não”.

Para umas é difícil falar o que está acontecendo com si própria, mas para gente que não sofre esse tipo de violência mais, todo dia, é mais fácil falar. (Maria da Piedade)

A gente precisa prestar atenção. Graças a Deus, lá em casa não tem esse tipo de coisa não. (Maria Auxiliadora)

Graças a Deus, lá em casa é bem tranquilo essa questão, graças a Deus, não vivencio. Mas, assim, a gente ver. (Maria do Rosário)

Eu, graças a Deus lá em casa meu marido é tranquilo. Então, você ler uma coisa e sabe que acontece, mas você não conhece se vive no dia a dia. (Maria de Jesus)

Tal fato se caracteriza como positivo, uma vez que se entende que as entrevistas não sofreram com seus companheiros, estando inseridas em lares ausentes de relações violentas.

Entretanto, uma das entrevistadas relatou o contrário, expondo ter vivenciado episódios de violência, mas, ao ser abordada mais profundamente, recusou-se a entrar em detalhes quanto ao assunto:

Já ouvi, já teve caso também, eu mesmo já relatei que sofri. (Maria da Piedade)

Notou-se que, anteriormente, a mesma entrevistada relatou não vivenciar o fenômeno da violência em casa. Entretanto, ao ser

questionada mais profundamente, relatou já ter sofrido. Isto remete a ideia de negação ao objeto investigado. Em relação a isso, estudiosos^{7,13} explicitam que o mundo da vida é experimentado por nós segundo graus de familiaridade e de anonimato. A relação de familiaridade é vivida sob a forma do nós e permite a apreensão do outro como único em sua individualidade. Nesse sentido, a relação de anonimato do outro sobre suas vivências, sejam elas quais forem, estabelece-se com o próximo a partir de experimentos e repasse da individualidade. Quanto mais anônima for a relação, tanto mais afastada estará a unicidade e a individualidade de meu semelhante e pouquíssimos aspectos serão considerados como relevantes para o problema que desejo tratar ou resolver.

Ao relatar as vivências e como elas percebem a violência contra a mulher na comunidade, foi impossível dissociar sobre as formas de enfrentamento diante deste mal silencioso, trazendo para discussão as **formas de enfrentamento: engajamento social, educação, descaso e religião**. Nesta subcategoria, emergiram pontos chave sobre o papel da sociedade e família diante da mulher vítima de violência.

Já tem três anos que a gente já está fazendo palestra com a delegada da delegacia da mulher; tem os folders que eles fazem orientando; os telefones, onde procurar e vários tipos de orientação mesmo. (Maria Auxiliadora)

Primeiramente, tinha que ter um diálogo com aquele vizinho (...) então a gente pode ajudar ele. Se ele quer através de um diálogo, se ele quer através de um psicólogo, o que ele quer que a gente possa estar fazendo com ele. Incentivar a esposa também a conversar para que possa estar saindo desses problemas. (Maria da Piedade)

É relevante destacar o papel da sociedade nas falas, com ênfase para atuação das próprias “Marias” no combate a violência contra as mulheres. Em relação a isso, Paulo Freire diz: “A primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir”.^{14:16} Para este mesmo autor, o compromisso verdadeiro é a solidariedade, seja consigo mesmo e com seu grupo, pois a partir do momento que há comprometimento com a desumanização, há, inexoravelmente, a desumanização de si próprio.¹⁴

Outra forma de enfrentamento citada foi a denúncia, como pode ser observada nos relatos abaixo:

E o papel nosso é levar pra autoridade o que está acontecendo, ou então tentar ajudar aquele vizinho. (Maria da Piedade)

Souza e Souza LP, Souza AG de, Figueiredo T et al.

A mulher tem que denunciar os tipos de violência que ela está sofrendo, porque se ela não denunciar, ela nunca vai sair dessa. Hoje ela sofre um tipo de violência, se ela não denunciar, ela nunca vai poder acertar a vida dela, então é papel nosso ajudar essa mulher. (Maria Esperança)

É interessante notar os discursos sobre a denúncia, ato este de extrema importância na quebra do ciclo da violência, seja este realizado pela mulher vitimizada ou por terceiros. A denúncia é um momento de ruptura em que a mulher se desloca da condição de opressão/submissão, pois admite que precisa de ajuda por sofrer violência. Pode significar, também, um primeiro passo para o seu “livramento” e mudança da relação. Por isso, é fundamental que a mulher seja estimulada a realizar a denúncia, tanto pelos profissionais que lidam com ela, quanto pela sociedade civil comum, aquela que tem laços e pode agir a favor dela, oportunizando momento de reflexão junto à mulher para a denúncia.¹⁵

A entrevistada “Maria de Jesus” trouxe outras discussões para o enfrentamento da violência, que é a educação dos filhos em casa, destacando o agir como exemplo e a moral como estímulos ao bom desenvolvimento de filhos. Estimulando-os para que ajam corretamente nas relações sociais e, conseqüentemente, tornem-se adultos que mantenham mesmos comportamentos.

Então, assim, eu acho que o que vale é começar a mudar a mentalidade de quem ainda não tem ela formada, então tem que ser desde criança. A gente tem que ter noção para poder orientar, e moral para poder orientar. Porque se eu tivesse apanhado, ela ia falar: “Você apanhou do meu pai, você vai falar o que comigo?”. Se eu não apanhei, não vou deixar minha filha apanhar. (Maria de Jesus)

Sobre este ponto, Córdoba¹⁶ discorre dizendo que as crianças são frutos das relações familiares e estão aprendendo sempre, seja de forma positiva ou negativa, uma vez que a todo o momento adotam os adultos como referência, e, intimamente, seus pais. As crianças se instruem não só dos aspectos que seus pais desejam que elas aprendam, mas, também, aprendem a lidar com as situações cotidianas a partir da prática dos adultos, os quais, muitas vezes, não percebem que estes aprendizes estão a observar tudo: gestos, palavras, atitudes, expressões faciais, vocábulo.

Entretanto, ao citarem as formas de enfrentamento, as entrevistadas relataram as formas de descaso com as vítimas de

Violência de gênero: o silêncio e enfrentamento...

violência, pondo em destaque o preconceito arraigado na cultura popular.

(...) porque às vezes a pessoa chega falando do problema, ai fala assim: “Eu que não vou meter na briga de marido e mulher, briga de marido e mulher ninguém mete a colher... E assim por diante, entendeu?” (Maria Esperança)

Mas a gente vê ainda assim, que as pessoas elas são muito acomodadas em relação algum vizinho que acontece esse tipo de agressão. Eles pensam assim, o que eu via: “Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher. Isso ai é com eles lá, ninguém tem que meter, ninguém tem que entrar no meio”. (Maria Auxiliadora)

O dito popular ganhou espaço no discurso das mulheres, deixando claro que a atuação de todos deve ser a favor da mulher e de uma cultura de paz. O silêncio que decorre do aprisionamento das vítimas dentro da relação doméstica pode desencadear crimes de grande gravidade contra a mulher. Muitas vezes, as pessoas da comunidade internalizam o silêncio e reproduzem fielmente jargões como o citado. Assim, quando a violência é presenciada ou levada ao conhecimento de alguém, ocorre a cumplicidade com o agressor e a omissão perante a mulher. É dever de todos, familiares, pessoas comuns e, principalmente, agentes da lei, “meteram a colher” nestas relações de sofrimento.⁶

A religiosidade também ganhou espaço privilegiado nas narrativas pesquisadas, destacando-a como apoio primordial para o enfrentamento da violência.

Porque o lado espiritual é muito importante para isso. Pois quando a pessoa tem limite espiritual, ela tem certo temor, de ir mais avante, de ir mais além do que deveria. Então ela tendo esse temor, de um conhecimento que há um Deus que proíbe certas coisas para o bem dela, ela já fica temerosa. (Maria Auxiliadora)

Primeiramente, Deus na frente de tudo isso aí, porque sem Deus nada a gente faz. E em segundo lugar o homem, o homem e mulher. (Maria Esperança)

É interessante notar as falas das “Marias”, seres dotados de crenças e sentimentos positivos de que as coisas podem ser melhoradas, colocando a religiosidade e fé como elementos importantes no enfrentamento e fortalecimento da mulher diante do fenômeno da violência.

As práticas religiosas, como mediação de relações sociais, são um objeto dinâmico e de grande variabilidade. A maior ou menor relevância da dimensão religiosa na formação e vida cotidiana das pessoas é, ao mesmo tempo, determinante e condicionante da reconfiguração de relações sociais, familiares,

Souza e Souza LP, Souza AG de, Figueiredo T et al.

mediadas por pressupostos éticos, políticos e culturais. Afeta, também, os padrões de atitudes diante da família e sociedade, como o consumo de álcool e outras drogas e prática da violência.¹⁷

A religião pode desencadear maior envolvimento com sua própria realidade, busca de soluções para os problemas do dia a dia, e mesmo a efetiva construção de alternativas de resistência à opressão, seja ela qual for.¹⁷

É nesse sentido que se pode explicar a importância para as mulheres da expressão religiosa, ao proporcionar o pertencimento não apenas espiritual, mas psicossocial nas redes que se tecem em função da prática religiosa.

O silêncio da mulher que vivencia a violência

A segunda categoria traz os pontos importantes que tentam “justificar” a aceitação da mulher diante dos atos de agressão. A primeira subcategoria evidenciada foi a **falta de apoio familiar e social e o despreparo no acolhimento às vítimas:**

Aquelas que aceitam não tem aquele refúgio, não tem a família, a família não dá aquele total apoio para elas. Ai, ela acaba ficando dentro de casa, mesmo com aquele sofrimento, apanhando, sofrendo discriminação. (Maria Esperança)

Em muitos casos, a mulher não apresenta reais condições de cessar com as situações de violência por falta de acesso aos meios para se desfazer de sua dependência com o agressor.¹ As mulheres que decidem romper com o ciclo violento demandam amparo social e da família, assistência psicológica e jurídica, moradia, creche e/ou escola, necessidade de trabalho para a aquisição de autonomia financeira e tratamento de saúde. Esta situação demonstra a importância de ampla, integrada e eficaz rede intersetorial na atenção à saúde da mulher.³

Um ponto que merece evidência neste item é o que foi evidenciado pela Maria de Jesus:

Porque realmente quando você vai denunciar, o cara fala: “Por que você tá apanhando? Você é mais vagabunda do que ele”. Porque policia trata a gente igual cachorro. É isso o que todo mundo fala. A gente fica desmoralizada. Além de ficar desmoralizada dentro de casa, apanhando perto dos filhos, dos vizinhos, que ficam sabendo, ainda vai passar por isso? (Maria de Jesus)

Corroborando com o discurso acima, estudos¹⁸⁻²⁹ observaram que, na prática, a conduta dos profissionais, sejam de saúde, policiais e outros agentes da lei, é de não acolhimento às necessidades das mulheres,

Violência de gênero: o silêncio e enfrentamento...

restringindo suas ações a encaminhamentos que nem sempre resultam em resposta adequada às demandas das mulheres. Os serviços pouco respondem às necessidades principais das vítimas, ou seja, as ações são pontuais, fragmentadas, sem compromisso de continuidade na atenção à vítima, tanto nos aspectos de reabilitação física e emocional quanto nos de reabilitação social e jurídica. Para proporcionar cuidados mais efetivos às vítimas de violência, de forma integral e humanizada, é necessário que novas posturas sejam tomadas frente ao acolhimento da mulher, pensando em estratégias que incluam um atendimento multidisciplinar e a conjugação de diversos setores da sociedade, além de estratégias para a prevenção e redução de ocorrência de episódios de violência.¹⁸⁻¹⁹

Outros pontos destacados foram o **medo e vergonha de denunciar**, como notado nas falas a seguir:

Muitas são por medo, outras são por vergonha, tem vergonha de relatar. Antes muitas não se denunciavam, mas hoje tem muitas que já estão denunciando, outras não. (Maria da Piedade)

Então, mesmo com o apoio, às vezes, a mulher não conseguiu superar, ultrapassar essa barreira. Mas eu penso que a mulher que apanha, ela vem coberta de medo daquilo repetir, então eu acho que ela fica apreensiva, bloqueada. (Maria do Rosário)

A mulher, além de sofrer tais agressões, ainda precisa cumprir seus papéis de mãe, esposa, mulher e, muitas vezes, profissional perante outros. A mulher, por meio da socialização, apreende como natural o seu papel, não reconhecendo os limites dessa concepção para o seu desempenho e participação na sociedade. A naturalização da subalternidade oculta, aparentemente, o poder e a própria condição de subalterno. Sabe-se que o homem e a mulher possuem formação e crescimento distintos, e os mesmos vivem a partir de uma determinada cultura, só que cada gênero possui papéis diferentes nas relações sociais. Ao homem sempre coube o espaço público, e a mulher foi confinada nos limites do lar, no cuidado da família. Os padrões de comportamento instituídos distintamente para homens e mulheres levam à geração de um verdadeiro código de honra. A sociedade, erroneamente, determina para a mulher uma postura de submissão e medo, sendo limitadas na busca de seus ideais.²⁰

Algumas mulheres relutam em denunciar seus agressores por receio de que a violência aumente, o que acontece com frequência, pois a impunidade, muitas vezes, prevalece

Souza e Souza LP, Souza AG de, Figueiredo T et al.

mesmo após a denúncia. Outras, por sua vez, denunciam seus companheiros apenas para intimidá-los, depois retiram a queixa e não levam adiante o processo que poderia resultar em uma punição. Mesmo assim, é importante fazer a denúncia.²¹

A crença de que o companheiro não é tão mau também ganhou destaque nas entrevistas. Duas das “Marias” expuseram sobre o tema:

Mas, que acha que numa certa forma, que na hora da raiva é normal, que a pessoa não tem aquela coisa de bater, que descontrolou. (Maria Auxiliadora)

A preguiça de reiniciar tudo de novo, de começar tudo. “Aquele dia foi bom”, “Outro dia ele fez isso”. Um belo dia, o dia que iluminou o santo, ele fez uma gracinha. “Não, no fundo ele gosta”, entendeu? São mil e quinhentas desculpas. (Maria de Jesus)

A mulher que sofre tal agressão evita denunciar e se isola dos sistemas de apoio, o que a torna ainda mais dependente do seu agressor. Surge com maior frequência o sentimento de temor que paralisa e impede a mulher de buscar ajuda. Emerge, também, a atitude de diminuição do abuso na qual a mulher tende a minimizar a situação de violência em função de fatores como medo, falta de informação e de consciência sobre o que constitui realmente violência e, ainda, pelo desejo de crer que o parceiro não é tão mau.²²

Destaca-se a importância da implantação de serviços voltados para repressão e prevenção da desigualdade de gênero, de forma a promover e estimular a construção de uma cultura nova de pensar a questão, onde o respeito e o compromisso com os direitos humanos das mulheres sejam valores incorporados ao cotidiano de todas as brasileiras e todos os brasileiros.²³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo desvelou as vivências das mulheres sobre a violência de gênero na comunidade, permitindo compreender que mesmo não vivenciado este fenômeno como vítimas diretas, as mulheres entrevistadas conhecem as causas e natureza para desencadeamento, formas de enfrentamento e consequências deste mal, tanto na sociedade em geral, como mais intimamente no lar.

Ao considerar as vivências das mulheres e suas relações sociais, entendendo como a própria mulher, vítima principal da violência baseada no gênero, pensa, visualiza e desenvolve relações sobre o tema, permitiu uma compreensão mais ampla do fenômeno, não restringindo apenas a aspectos biológicos, mas abarcando questões culturais

Violência de gênero: o silêncio e enfrentamento...

(experiências), históricas (conhecimento) e sociais (crenças, preconceitos e sentimentos de angústia).

Destaca-se a importância da realização de novos estudos, a fim de aprofundar cada vez mais nas relações constitutivas do vivido de mulheres não vítimas sobre a violência contra elas, para que assim se possa confrontar reconhecimento dos agravos por parte da própria mulher, formas de ocorrência e, principalmente, natureza e justificativas para ruptura dos atos violentos e quebra do silêncio, quando estes ocorrerem. Além disso, permitirá proporcionar maior discussão e divulgação na sociedade civil, no sentido de mobilização dos diversos seguimentos sociais no combate a violência de gênero.

REFERÊNCIAS

1. Guimarães MC, Pedroza RLS. Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas. *Psicol Soc* [Internet]. 2015 [cited 2016 Sept 03];27(2):256-66. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artt_ext&pid=S0102-71822015000200256
2. Duarte MC, Fonseca RMGS, Souza V, Pena ÉD. Gênero e violência contra a mulher na literatura de enfermagem: uma revisão. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2015 [cited 2016 Sept 03];68(2):325-32. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artt_ext&pid=S0034-71672015000200325
3. Leite MTS, Figueiredo MFS, Dias OV, Vieira MA, Souza e Souza LP, Mendes DC. Reports of violence against women in different life cycles. *Rev Latino-Am Enfermagem* [Internet]. 2014 [cited 2016 Sept 03];22(1):85-92. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artt_ext&pid=S0104-11692014000100085
4. Ferreira MF, Moraes CL, Reichenheim ME, Verly JE, Marques ES, Salles-Costa R. Effect of physical intimate partner violence on body mass index in low-income adult women. *Cad Saúde Pública* [Internet]. 2015 [cited 2016 Sept 03];31(1):161-72. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2015000100161&script=sci_abstract
5. Machado JC, Rodrigues VP, Vilela ABA, Simões AV, Morais RGL, Rocha EN. Intrafamily violence and actions strategies of the Family Health team. *Saude soc* [Internet]. 2014 [cited 2016 Sept 03];23(3):828-40. Available from: <http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/88569/91455>
6. Menezes PRM, Lima IS, Correia CM, Souza SS, Erdmann AL, Gomes NP. Process of dealing with violence against women: intersectoral coordination and full attention. *Saude soc* [Internet]. 2014 [cited 2016 Sept 03];23(3):778-86. Available from:

Souza e Souza LP, Souza AG de, Figueiredo T et al.

Violência de gênero: o silêncio e enfrentamento...

http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v23n3/en_0104-1290-sausoc-23-3-0778.pdf

7. Schütz A. Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro: Zahar; 1979.

8. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC; 2006.

9. Acosta DF, Gomes VLO, Fonseca AD, Gomes GC. Violence against women committed by intimate partners: (in)visibility of the problem. Texto contexto-enferm [Internet]. 2015 [cited 2016 Sept 03];24(1):121-7. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artext&pid=S0104-07072015000100121

10. Lettiere A, Nakano MAS, Bittar DB. Violence against women and its implications for maternal and child health. Acta Paul Enferm [Internet]. 2012 [cited 2016 Sept 03];25(4): 524-9. Available from: http://www.scielo.br/pdf/ape/v25n4/en_07.pdf

11. Bogat GA, DeJonghe E, Levendosky AA, Davidson WS, von Eye A. Trauma symptoms among infant exposed to intimate partner violence. Child Abuse Negl [Internet]. 2006 [cited 2016 Sept 03];30(2):109-25. Available from: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0145213406000081>

12. Njaine K, Minayo MCS. A violência na mídia como tema da área da saúde pública: revisão da literatura. Ciên saúde coletiva [Internet]. 2004 [cited 2016 Sept 3];9(1):201-11. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artext&pid=S1413-81232004000100020

13. Vieira LB, Padoin SMM, Souza IEO, Paula CC. Perspectivas para o cuidado de enfermagem às mulheres que denunciam a violência vivida. Esc Anna Nery Rev Enferm [Internet]. 2011 [cited 2016 Sept 03];15(4):678-85. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v15n4/a04v15n4.pdf>

14. Freire P. Educação e mudança. 30a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2007.

15. D'Oliveira AFPL, Schraiber LB, Hanada H, Durand J. Comprehensive health (care) services to women in gender violence situation - an alternative to primary health care. Ciên saúde coletiva [Internet]. 2009 [cited 2016 Sept 03];14(4):1037-50. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v14n4/a06v14n4.pdf>

16. Córdula EBL. As crianças e a violência na escola: espelhos da sociedade. Rev eletrônica Educação [Internet]. 2011 [cited 2015 Aug 05];5(2):256-66. Available from: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/197/151>

17. Faria MGA, David HMSL, Rocha PR. Inserção e prática religiosa entre mulheres: Aspectos protetores ao uso de álcool e violência. Ver Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog [Internet].

2011 [cited 2015 Aug 05];7(1):32-37. Available from:

<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=80319263006>

18. Silva EB, Padoin SMM, Vianna LAC. Women in situations of violence: limits of assistance. Ciên saúde coletiva [Internet]. 2015 [cited 2016 Sept 03];20(1):249-58. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n1/1413-8123-csc-20-01-00249.pdf>

19. Souza e Souza LP, Coelho DMP, Souza AG, Ruas RFB, Figueiredo T, Alcântara DDF, et al. "Em briga de marido e mulher, não se mete a colher?" Análise da violência baseado no gênero e o papel do setor saúde. Rev eletrônica gest saúde [Internet]. 2014 [cited 2015 Aug 07];6(1):79-94. Available from: <http://www.gestaosaude.unb.br/index.php/gestaosaude/article/view/1058/pdf>

20. Costa Lima D, Büchele F. Revisão crítica sobre o atendimento a homens autores de violência doméstica e familiar contra as mulheres. Physis [Internet]. 2011 [cited 2016 Sept 03];21(2):721-43. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v21n2/a20v21n2.pdf>

21. Gomes NP, Diniz NMF, Reis LA, Erdmann AL. The social network for confronting conjugal violence: representations of women who experience this health issue. Texto contexto-enferm [Internet]. 2015 [cited 2016 Sept 03];24(2):316-24. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v24n2/0104-0707-tce-24-02-00316.pdf>

22. Moura MAV, Netto LA, Souza MHN. Perfil sociodemográfico de mulheres em situação de violência assistidas nas delegacias especializadas. Esc Anna Nery Rev Enferm [Internet]. 2012 [cited 2016 Sept 03];16(3):435-42. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v16n3/02.pdf>

23. Vasconcelos T, Nery I, Ferreira M, Canuto M. Gender violence in the perception from the managers of services to support women. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2012 [cited 2015 Nov 30];6(10):2356-63. Available from: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/3151>

Submissão: 01/12/2015

Aceito: 01/09/2016

Publicado: 01/10/2016

Correspondência

Luís Paulo Souza e Souza
Rua Ceará, 1993, Ap. 702
Bairro Funcionários
CEP 30150-311 – Belo Horizonte (MG), Brasil